



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades e (Des)Igualdades -
07 a 10 de Agosto de 2011 – Salvador - Bahia

Os mortos de São Tomaz ritos funerários entre Católicos em um bairro rural

Sara Raquel Nacif Baião
Universidade Federal da Bahia
(saranacif@yahoo.com.br)

Introdução e contextualização do Campo:

Este texto é fruto de uma etnografia realizada para o Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina. Minha ligação com o tema e com o lugar aconteceu inicialmente na década de 1990, onde realizei uma pequena visita a campo para estudar ritos funerários, e posteriormente retornei em 2007, 2008, 2009, para o dia dos mortos, e no verão de 2010 em que permaneci 25 dias morando lá, ocasião em que entrevistei vinte e nove pessoas das duas religiões – católicos e crentes¹ da Assembleia de Deus, pois a ideia inicial era um trabalho comparativo dos rituais funerários, entre essas duas religiões. Mas durante a permanência em campo aconteceram quatro mortes entre católicos e nenhuma morte de crentes, por isso a pesquisa foi redirecionada

¹ Fiéis da Assembleia de Deus que assim se autodenominam e são denominados pelos católicos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

apenas para os ritos católicos. Estudei então quatro ritos funerários, usando a observação participante e me vali também de algumas das entrevistas, poucas é verdade, para tentar lançar luz a algumas questões que a observação por si só não havia contemplado.

São Tomaz é um pequeno distrito onde moram cerca de 250 famílias e pertence ao município de Imaruí². A localização geográfica é 100 km ao sul da capital do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. O acesso se dá por uma estrada de terra, por onde ao longo do percurso se vislumbra a Lagoa do Mirim. Há transporte público regular em vários horários durante o dia, uma escola estadual, água encanada trazida de uma rede de distribuição desde a cachoeira dos Pilões, luz elétrica e iluminação pública no centro da vila. Não há redes de esgoto, mas as casas possuem fossas sépticas. Existem dois telefones públicos e os sinais da telefonia móvel são precários. A população conta com um posto de saúde da Prefeitura, uma agente de saúde, bem como uma pequena farmácia. No que respeita ao comércio tem duas vendas³, dois bares, um posto de venda de pão, uma sorveteria e duas lojinhas, um salão de beleza, uma oficina de motos, uma pousada e um pequeno restaurante.

A religião é um aspecto da vida muito importante, e que está presente no cotidiano de São Tomaz. São duas religiões: a Assembleia de Deus, com duas igrejas e a católica. A igreja dos católicos fica numa parte alta, no centro da vila, uma construção que chama a atenção, com sua única torre onde está o sino. O átrio é todo lajotado, tendo atrás o cemitério, a esquerda o salão paroquial e um quiosque semelhante a um coreto e mais abaixo nesta mesma direção o campo de futebol. Os dirigentes das igrejas moram todos fora da comunidade. O padre mora na sede da Paróquia em Imaruí e vem à comunidade apenas uma vez a cada mês, e os trabalhos religiosos são feitos por Ministros da Eucaristia⁴. Na Assembleia de Deus, o Obreiro, recém-empossado da igreja mais ao sul, mora na vizinha comunidade de Sítio Novo, e o da Igreja mais ao norte mora em Imaruí.

² -Imaruí possui uma população estimada em 2008 de 11.847 habitantes num território de 542,677 m²..Sofreu uma depopulação pelos dados do IBGE de 2007, de 15.431 passou para 11.675 habitantes. Quanto a educação possui 15 escolas e deste total apenas uma dela está localizada na sede do município, todas as demais na zona rural. É dotada de hospital, Fórum – pois comarca de entrância inicial -, Prefeitura, Câmara de Vereadores e Cartórios.

³ -pequeno armazém

⁴ -O ministro extraordinário da comunhão é, na Igreja Católica, um leigo a quem é dada permissão, de forma temporária ou permanente, de distribuir a comunhão aos fiéis, na missa ou noutras circunstâncias, quando não há um ministro ordenado que possa fazer



O conceito de Bairro Rural

Antônio Cândido, em 1971⁵, cunhou o conceito de bairro rural definindo-o como sendo a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistido no agrupamento de algumas ou muitas famílias vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico religiosas. Subdivide ainda o conceito em duas óticas de análise: a econômica e a cultural. Assim nesta definição antropológica, o bairro rural é “ (...) o agrupamento mais ou menos denso de vizinhança, cujos limites se definem pela participação dos moradores nos festejos religiosos locais”. (idem:71).

Foi este o conceito clássico da literatura antropológica brasileira, o de bairro rural, que elegi para o presente trabalho, pois em São Tomaz, constatei durante as visitas e a pesquisa de campo, vários aspectos que caracterizam o conceito. O aspecto econômico citado pelo autor, de mútua ajuda, também existe, embora seja menos marcante do que o aspecto cultural do conceito, devido a forte importância que percebi na comunidade dos rituais religiosos e festivos.

Relato de uma morte

Narrarei apenas uma das mortes que estudei, por entender que esta é a mais representativa dos ritos funerários. Dia 07 de janeiro de 2010 morreu Adônis, um homem cuja idade beirava os 85 anos. O velório não foi realizado na comunidade, pois ele e sua esposa moravam em Florianópolis, com os filhos há 10 anos. O corpo veio para a encomendação e o enterro. Segundo o que me contaram Adônis era um católico fervoroso e participou de muitas atividades da igreja durante todo o tempo que ali residiu, isto fez com que Dionísio, o católico responsável pela encomendação das almas, tivesse comentado com Miletto, a pessoa que constrói as sepulturas, que precisaria fazer uma bonita oração pois o

⁵ - Os parceiros do Rio Bonito, 1971.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

morto era um católico “devotado” a Deus e merecia exéquias à altura de sua fé. Fiquei sabendo que Adônis havia morrido de manhã e que o corpo chegaria na igreja às 13:30 horas pois os filhos haviam telefonado pedindo para tocar o sino e avisar as pessoas da comunidade. Aprendi então que a primeira providencia a ser tomada quando um católico morre, quer seja velado na comunidade, quer não, é tocar o sino. Este ato tem por objetivo avisar as pessoas que alguém morreu. Após o almoço a igreja foi totalmente aberta, todas as portas frontais e laterais foram escancaradas e arrumado o espaço para receber o morto. Esta arrumação consistia na disposição de um par de suportes metálicos onde o caixão seria colocado, e arranjos florais feitos por Afrodite, com espécies colhidas no próprio jardim da igreja e velas. As pessoas chegaram e ficaram aguardando o corpo.

Chovia muito neste dia, e o translado do corpo atrasou. Por volta de 17:30 horas o carro funerário apontou na estrada de barro e, neste momento, o sino começou a tocar pela segunda vez, para anunciar a chegada e só parou quando o corpo entrou na igreja. A partir de então muitas pessoas foram chegando. De dentro do carro fúnebre retiraram o caixão, o funcionário e os filhos de Adônis e pretenderam entrar pela porta lateral da igreja. Foi um momento de grande rebuliço. Explicaram-me que a porta pela qual entram os mortos é sempre a porta da frente, mas não é qualquer das três portas existente, a considerada principal é a do meio da igreja, por onde deverá entrar não só o caixão no dia da morte, mas as crianças no dia da primeira comunhão, os noivos na cerimônia de casamento, os santos nos dias de procissão, e as imagens novas que agregarão o altar do templo.⁶ Vi, portanto, que esta porta da igreja era muito significativa para a comunidade pois ela era o solar pelo qual aconteciam todos os rituais de passagem de uma etapa da vida para outra, como apontava Van Gennep (1978) em seu estudo clássico. Do coro da igreja, Dionísio sinalizou para Diana, para que não permitisse, e ela prontamente impediu a entrada pela porta lateral.

Houve ainda neste ritual um outro momento de tensão. Superada a questão da porta, entram com o caixão tendo a cabeça do morto voltada para o altar e os pés do para a rua. Quando chegaram ao altar Diana chamou a atenção dos presentes de que os pés estavam colocados na posição errada, e foi consertado, pois a posição dos pés é um aspecto,

⁶ -No dia de finados foi doada à igreja uma imagem da Beata Albertina, e esta imagem também entrou pela porta principal. (Diário de Campo de 02-11-2009).



dentro do ritual muito importante. Resolvidas estas questões, Dionísio que é católico e que há mais de 20 anos é uma das pessoas que procede a encomendação e ao sepultamento⁷, é reconhecido no bairro como dono de um talento especial para esta função, além de uma forte liderança local, deu início as orações. A família abriu o caixão deixando exposto o corpo de Adônis.

Dionísio iniciou as orações de encomendação, uma sequencia de cantos, rezas e liturgias. Foram feitas duas leituras por pessoas da comunidade. De posse da palavra sobre a morte, disse que “a gente encara a morte como um pesadelo, uma coisa terrível, mas a morte é uma coisa bonita, porque é o dia em que nós encontramos com deus lá no céu.” No próximo passo do ritual pediu a todos que estendessem a mão direita pois “...essa encomendação que nós vamos fazer é como se fosse um aperto de mão que nós estamos dando no seu Adônis, como se nós apertássemos a mão dele.” E foi feita a oração de encomendação

Terminada a reza, aspergiu água benta sobre o defunto fazendo o sinal da cruz. Dizendo: “dai-lhe senhor o repouso eterno e envie para ele a vossa luz, acolhei a sua alma, levando a presença do altíssimo. Gloria ao pai, ao filho e ao espírito santo, como era no princípio, agora e sempre, amem.” Rezaram um pai-nosso e depois entoaram cânticos. Pediu então a todas as pessoas que se despedissem neste momento, porque no cemitério não seria permitido abrir o caixão, e durante as despedidas os hinos continuaram.

Adônis era um homem negro, magro, com oitenta e poucos anos. Vestia um terno preto, sem gravata e uma camisa branca. Os pés estavam com meias e as mãos com os dedos entrelaçados na qual tinha um rosário marrom de madeira. O caixão era enfeitado com flores – crisântemos brancos⁸, e a cobertura uma renda branca também. Quando estavam todos se preparando para o enterro, tendo inclusive o caixão sido fechado, chegou a notícia de que nem todos os filhos estavam presentes e que estava vindo um ônibus com companheiros do falecido, do grupo da terceira idade de Florianópolis. Então aguardamos. Com a chegada do ônibus e mais parentes decidiram abrir o caixão novamente. Os

⁷ -Há outras pessoas que fazem parte desse grupo de lideranças da igreja, que também estão aptas a realizar esta cerimônia.

⁸ Estas são as flores preferidas para a morte, os crisântemos, tanto nos velórios como no dia dos mortos, é considerada a melhor e a mais bonita. Relatam que quando os caixões eram feitos na comunidade as flores eram colhidas no quintal, mas que nada suplanta a beleza dessas flores de fora.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

familiares se aproximaram tocaram e beijaram o morto, inclusive as crianças, que são presença constante nos ritos mortuários.

Dionísio perguntou aos presentes se queriam dizer algumas palavras antes do enterro, pois é comum os familiares ou os amigos proferirem algumas palavras de despedida ou sobre a vida do morto, e um senhor que disse ser “ministro da consolação”⁹ e que se também amigo do morto e assumiu as orações. Novamente alertado que não se abriria o caixão no cemitério, o condutor do rito pediu que as pessoas se despedissem para então, em decorrência da chuva e do adiantado da hora¹⁰, procedessem ao enterro. Iniciou um outro ritual de despedida, e as pessoas foram beijar e afagar o defunto. O momento do fechamento do caixão, segundo todos me relataram, sempre é um momento de muita tensão. Fecharam a urna, viraram o caixão com os pés para fora, ou seja para a porta, e saíram da igreja. Os presentes pegaram os arranjos, coroas e vasos de flores e acompanharam o enterro em silêncio. Neste momento Ceres subiu no coro e tocou o sino, no exato instante em que iniciou o procedimento de saída da igreja. Iniciou-se um novo cântico e a música cantada era ”Segura na mão de Deus”¹¹. Os filhos homens e os moços da funerária levaram o caixão, enfim os homens parentes ou amigos carregaram o caixão que saiu pela porta principal. O cemitério fica atrás da igreja, por isso o caminho percorrido foi curto. Mileto estava dentro da sepultura aguardando. Depositaram o caixão sobre a sepultura aberta, sustentado por uma travessa de madeira e fez-se novas orações aspergindo água benta. Dionísio só cantou e deixou com o ‘estrangeiro’, que a esta altura já havia tomado a frente do ritual, dar prosseguimento. Mileto ajeitou sobre o caixão duas placas de concreto e as cimentou.

Analizando o do rito de passagem

⁹ - Dentro da estrutura da Igreja oficial não existe esta figura, mas o senhor se intitulava ministro da consolação com as atribuições de fazer rituais fúnebres e consolar pessoas.

¹⁰ - O horário máximo para se enterrar é as 18:00 horas, não se enterra à noite, e somente em casos excepcionais é que a hora pode ser estendida para depois deste horário.

¹¹ - A letra é a seguinte: Se as águas do mar da vida quiserem te afogar segura na mão de Deus e vai/ Se as tristezas desta vida quiserem te sufocar segura na mão de Deus e vai /Segura na mão de Deus, segura na mão de Deus pois ela, ela te sustentará, não temas segue adiante e não olhes para trás Segura na mão de Deus e vai 2. Se a jornada é pesada e te cansas da caminhada segura na mão de Deus e vai/ Orando, jejuando, confiando e confessando segura na mão de Deus e vai 3. O Espírito do Senhor sempre te revestirá Segura na mão de Deus e vai/Jesus Cristo prometeu que jamais te deixará Segura na mão de Deus e vai.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A morte abre a possibilidade de duas ordens distintas e combinadas, a ordem material do corpo e a ordem simbólica da alma. Os ritos que se seguem imediatamente ao desenlace representam a separação dessas duas entidades antes enlaçadas, por isso a oração é uma das primeiras providências a ser adotada. Tudo indica que a alma tenha muita dificuldade de encontrar o seu próprio lugar e a reza separa uma esfera da outra. (Martins: 1983).

Van Gennep categoriza os ritos fúnebres como ritos de passagem, e como tal devem comportar três momentos: a separação, a liminaridade ou margem e a agregação, e o quanto cada uma dessas fases é mais ou menos pronunciada, varia de sociedade para sociedade. A separação também chamada de ritos preliminares, é o momento de apartamento de um mundo anterior. (VAN GENNEP:1978). Victor Turner definiu com mais precisão dizendo: “A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo do grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social quer de um conjunto de condições culturais (um estado) ou ainda de ambos” (TURNER. 1974:116). No caso de São Tomaz, creio que a etapa de separação começa com a preparação do corpo e termina com a entrada do féretro na igreja. Quando alguém morre a primeira providência é tocar o sino e em seguida entrar em contato com a funerária. Ela é chamada, vem buscar algum familiar para escolher o caixão, e de posse dele retornam para preparar o corpo. Segundo meus informantes até a década de 1990 os caixões eram confeccionados no próprio lugar, mas hoje são comprados nas funerárias.

A preparação do corpo pode ou não ser feita em casa. Algumas pessoas, as mais velhas já prepararam ou viram preparar algum parente em casa, mas atualmente este é um trabalho feito, na maioria dos casos, pela funerária, A arrumação do corpo pelos agentes funerários consiste em dar banho, com lenço umedecido¹², barbear, vestir, retirar joias, alianças e dentaduras¹³, arrumar a posição dos braços e das mãos, e fechar os olhos. Em seguida é feito o tamponamento, que é o ato de colocar algodão nos orifícios para que não

¹² -Contaram-me os informantes, que antigamente o banho era dado sentando o defunto dentro de uma bacia e lavando-o, mas que hoje os mortos são “mais limpos”, talvez por isso se possa compreender a substituição deste banho pelo lenço umedecido usado pelos agentes funerários, ou pelo pano úmido com sabonete de que fazem uso os nativos.

¹³ - O defunto fica mais bonito sem dentadura e no lugar dela, colocam enchimento de algodão, é o que dizem os preparadores do corpo das funerárias.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

venham à tona os fluidos corporais, um trabalho que segundo os especialistas das duas funerárias, é muito técnico e que requer bastante experiência. Em seguida ele é vestido, e deve ser com sua melhor roupa, se não dispuser de uma, compra-se da funerária, que também presta este serviço. Arrumado no caixão, coberto com flores, com ou sem maquiagem¹⁴ é devolvido a seus familiares, pois durante a prática da preparação do corpo a família é afastada¹⁵. A funerária é a responsável pelo defunto até esse momento e cria um cenário colocando as flores, posicionado o caixão na sala com os pés voltados para a rua, acendendo as velas, e dispondo atrás da cabeça do falecido, a cruz, se ele professar a fé católica.

O velório é sempre realizado em casa e na sala. José de Souza Martins pensa que “morrer fora da casa da morada era e é vista com muita apreensão, como se fosse um acontecimento fora de ordem, fora da ordem natural das coisas”, pois a casa é o lugar da morte porque é também socialmente o lugar da vida da família, dos vizinhos, dos amigos (MARTINS. 1983:263).

Cumprido o tempo estabelecido do velório procede-se ao enterro, onde o caixão é levado pelo carro da funerária até a frente da igreja e dali em diante é conduzido nas mãos, e neste momento o sino toca novamente até a entrada no templo. Acredito que qualquer uma das três etapas dos ritos de passagem não acontecem em um único ato, mas em várias etapas que somadas umas as outras encerram uma fase do rito, por isso creio que cada uma delas é um processo que se desenvolve com partes identificáveis que acontecem na sucessão ou no desenvolvimento de vários atos. A fase de separação se inicia com o toque do sino, e é seguida pela preparação do corpo, pelo velório e condução do caixão para a igreja se encerrando ao entrar no templo. Dois motivos me levaram a pensar desta forma: o primeiro deles é porque entendo que o sino serve para marcar o fim de uma fase dentro do rito e o início de outra, assim ele toca quando a pessoa morre, toca quando ela entra na igreja, e igualmente quando sai da igreja e vai para o cemitério; e segundo porque o cortejo fúnebre sempre passará pelo portal principal onde todos os presentes tem consciência de

¹⁴ -A funerária de Capivari de Baixo tem por hábito maquiar o defunto para dar-se uma aparência melhor, não murcha nem fica “envermelhado” (Entrevista com Homero).

¹⁵ Alegam que o afastamento da família neste momento de dá porque o processo de tamponamento e limpeza é muito chocante para quem não está acostumado. Há procedimentos agressivos, como a aspiração e algumas costuras, colagem da boca, técnicas que substituíram o antigo lenço amarrado no queixo, que às vezes são necessárias e que a família não suportaria presenciar.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

que o morto, não pertence mais a este mundo, e está na sua nova posição de defunto para ser encomendado e enterrado.

No enterro narrado causou rebuliço quando tentou-se entrar com o corpo pela porta lateral, pois a correta é a principal. Para Van Gennep (1978) a porta, no caso dos templos, divide o mundo sagrado do profano mas em São Tomaz, não é necessário estar no templo para que a sacralidade exista. Desde o início da morte todo o desenvolvimento ritual acontece na esfera sagrada, de uma das duas religiões. É possível que em outros ritos de passagem como o casamento, o batizado, primeira comunhão o sagrado aconteça apenas dentro da igreja, e fora dela estaria o mundo profano. Assim creio que nos ritos fúnebres em São Tomaz o portal marca a separação de duas etapas mas não desses dois mundos.

O segundo momento, a liminaridade. É considerada a etapa mais perigosa do rito e” (...) consiste em demonstrar que esta margem, simultaneamente ideal e material, encontra-se mais ou menos pronunciada em todas as cerimônias que acompanham a passagem de uma situação mágico-religiosa ou social para outra.” (VAN GENNEP. 1978:36). Diz Turner: “Durante o período ‘liminar’, intermédio, as características do sujeito ritual (o “transitante”) são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos ou quase nenhum dos atributos do passado ou do estado futuro.” (TURNER.1974:116-117). Nela houve a separação do estado anterior mas não aconteceu a integração no novo estado é a fase mais perigosa, tanto para o indivíduo quanto para o grupo a que pertence, e sua função é reduzir as tensões e os efeitos perturbadores da própria mudança.

Acredito que a fase da liminaridade se dá quando o enterro transpõe o portal principal da igreja, e se encerra quando termina a encomendação e novamente cruza o portal deixando a igreja, de sorte que o período de margem coincide com a encomendação. O que me levou a concluir estar, neste momento ritual alocada a segunda fase do rito de passagem é que neste etapa que acontece um momento que Victor Turner chamou de *communitas*, característico das fases de liminaridade. Na estrutura, diz ele, a sociedade possui posições hierarquizadas, posições políticas, jurídicas e econômicas, separando os homens uns dos outros. Na *communitas* essa hierarquia ou desaparece ou é rudimentarmente estruturada, e há a comunhão entre os indivíduos que tornam-se todos eles iguais entre si, e que se submetem a autoridades rituais. A espontaneidade da *communitas*



em oposição a estrutura, raramente pode ser mantida por muito tempo. (TURNER.1974). Durante esta etapa, os participantes estão sem dúvida num momento de integração total, onde não há hierarquia, nem estrutura e onde seguem a condução de Dionísio, o responsável pelo ritual. É um momento de grande perigo porque o morto já se desagregou do mundo dos vivos e ainda não entrou no mundo dos mortos, por isso é a parte do rito onde há mais oração. Um aspecto que chama a atenção é o discurso de Dionísio durante a encomendação, onde ele pede que o morto seja conduzido a um bom lugar, ou mais especificamente que Nossa Senhora o conduza a um bom lugar, isso pode ser pensado como um morto que não está mais aqui e tampouco chegou lá, está no caminho.

A agregação ou ritos pós-liminares são ritos que colocam a pessoa num novo mundo ou em uma nova situação. Ao sair da igreja e caminhar para o cemitério está se dirigindo rumo ao terceiro e último estágio que é a agregação no mundo dos mortos, que não ocorrerá imediatamente, mas somente a partir do sétimo dia. Não é sem razão que acredito ser este o tempo em São Tomaz que os mortos levam para se agregar ao outro mundo. Preliminarmente porque para os católicos no sétimo dia após a morte é realizada uma cerimônia de oração, chamado “terço de sétimo dia”, como um ato final de agregação. Este terço pode também ser substituído pela missa, mas pela ausência de padres, é difícil que aconteça uma missa, e há ainda outro indicativo, que é a dádiva da “coberta d’alma”.

A “coberta d’alma” é a doação, uma dádiva representada por uma roupa nova que o beneficiário deverá vesti-la e comparecer à missa ou oração de sétimo dia representando o morto. O defunto em vida, ou a família após sua morte, escolhem quem deverá recebe-la e precisará da anuência por parte deste. Esta roupa pode ser confeccionada ou comprada, e pode ser também do morto desde que ele não a tenha usado. Há o objetivo de vestir a pessoa de modo que ela fique parecendo o morto, e até os anos 1990 quando inicie a pesquisa, as pessoas se dirigiam a ela e a chamavam pelo nome do morto. Hoje este chamamento não existe, mas a “coberta d’alma” sim, embora não aconteça em todos os “passamentos”, apenas em alguns deles. Neste ritual dentro do ritual, é necessário a observância do tipo de roupa que o morto usava, pois o que se busca é representa-lo, de sorte que se o morto usava calças largas, ou saias se mulher fosse, o(a) representante deverá



vestir-se com uma roupa que remeta ao morto. Quando indaguei porque davam a “coberta d’alma”, me responderam que “era para que o morto não ficasse nu no outro mundo”.

Ora se o morto precisa ser representado na missa ou na oração de sétimo dia, significa que ele não está presente, quer dizer que ele agregou o outro mundo, e ainda a reforçar o argumento acima exposto, quando o cortejo se dirige ao cemitério dando início a esta ultima fase, o sino toca e por ocasião da oração de sétimo dia também.

Van Gennep fixa o término do período de luto como a marcação da agregação ao outro mundo. Mas o luto atualmente já não é mais obrigatório em São Tomaz, embora existam pessoas que ainda o usem, são atitudes particulares, fruto de escolhas pessoais, e não estão necessariamente ligadas a obrigatoriedade.

Práticas necessárias à eficácia do rito

O rito busca exercer alguma ação sobre a coisa, “... é uma linguagem eficaz na medida em que atua sobre a realidade social”, e quando há uma falha neste ritual há uma ameaça a toda a coletividade (SEGALEN. 2002:22-32). Então há objetos e práticas rituais que não podem faltar sob pena de comprometer a eficácia do rito, e outros que podem ser frutos de escolhas. Dentre as obrigatórias estão: a observação da posição dos pés, as orações, a aspersão de água benta, o toque do sino, e a vela acesa.

A posição dos pés em casa, no velório, no enterro, na igreja ou no cemitério, são previamente determinadas. Em casa durante o velório, os pés ficam direcionados para a rua, ao sair dela e entrar no carro funerário conduzem o defunto com os pés posicionados para frente, da maneira como caminham as pessoas vivas e assim entram na igreja. Dentro dela, os pés devem estar direcionados para o altar, e após a cerimônia, ao sair, vira-se o caixão e ele sai com os pés direcionados para o portal de principal. No cemitério o acesso se dá com os pés para frente e virando para a rua quando enterrado, de modo que todos os mortos de São Tomaz têm os pés voltados para o centro da vila.

Durante todo a desenrolar do rito funerário, a posição deles é rigidamente cumprida. Na morte narrada causou furor o momento em que o ‘forasteiro’ por desconhecimento pensou em proceder de forma diferente entrando com os pés ao contrário



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sendo obrigado a consertar, e este conhecimento é compartilhado pelo grupo na medida em que todas as entrevistas que realizei e que perguntei sobre os pés, todos sabiam dizer qual era a posição corrente, ou seja é um conhecimento partilhado e tradicional.

Para José de Souza Martins (1983) a razão pela qual os pés ficam para fora é que a posição do corpo do morto é oposta à posição do corpo do vivo, e que com esta prática os vivos buscam não atrair a morte e os mortos, evitando que a alma permaneça na casa e com ela a morte, pois a alma deve acompanhar o corpo, embora separada dele. Concordo com a segunda premissa e discordo da primeira, pois em São Tomaz a posição do morto é igual a dos vivos. Assim ele fica na mesma posição dos vivos como se estivesse caminhando lado a lado com eles.

Tanto na literatura antropológica quanto nas explicações locais, os pés para fora são para que o morto siga seu caminho, ande para frente, caminhe para o mundo dos mortos e não retorne (RODRIGUES:1983) mas essa observância no caso de São Tomaz é também uma forma de colocar o morto na comunidade dos vivos, pois dizem que se “acordasse, estaria de frente para o altar”, e no cemitério em que os pés também ficam para fora, é que “se vivo estivesse estaria de frente para a comunidade”. E com outro depoimento em que perguntei o porque os pés são voltados para a rua no cemitério me ela me respondeu: “é porque se ele levantar ele vai estar de frente” (Ametista 20.09.2008).

Creio que pode haver uma outra explicação: o antropólogo Roberto Damatta (1987) diz que há sistemas que se preocupam com a morte e outros com o morto. Nas sociedades indígenas e tradicionais, o sujeito social, não é o indivíduo mas as relações entre eles, dando a estas sociedades o nome de relacionais, cuja característica é a do morto ser uma figura presente entre os vivos, sendo invocado, lembrado, homenageado. Contrariamente em sociedades individualistas como a norte americana, o que importa é a morte e não o morto, motivo pelo qual há uma enorme urgência em livrar-se dele. É preciso concordar com Damatta, que no sistema brasileiro há uma distinção entre indivíduo e pessoa como duas formas de conceber o universo social, mas não são exclusivas, podendo operar simultaneamente. O indivíduo é o “sujeito da lei foco abstrato para quem as regras e a repressão foram feitos”, e a pessoa “... merece solidariedade e tratamento diferencial” (idem.1983:168-169). Indica que estas relações de pessoas são mais frequentes nas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pequenas cidades interioranas e as sociedades tribais onde não há o anonimato e as pessoas conhecem-se e identificam-se. Creio que o campo também é o lócus de relações deste tipo. Desta forma ao pretender que os mortos estejam na mesma posição que a dos vivos buscam manter o morto presente.

As orações no rito católico também não podem faltar, e objetivam auxiliar o morto na salvação da sua alma que pode ser pensado como conseguir estar junto do pai. Pude observar que durante todo o desenrolar do rito católico, o morto sempre foi acompanhado de orações. Reza-se em casa, no caminho para a igreja, e na igreja onde ocorre a parte mais consistente e longa da oração e no cemitério como despedida, uma oração rápida.

A água benta também é indispensável nas cerimônias mortuárias, e que está presente em todas as etapas do ritual. Para Martins (1983) quando o participante do rito benze aspergindo água benta sobre o defunto e fazendo o sinal da cruz, não está benzendo ao defunto mas protegendo a si mesmo, e prendendo a alma do morto no seu lugar. Nos relatos dos ritos fúnebres acima, em todos eles há a presença da água benta e nos três momentos, velório, encomendação e enterro, com a qual se procede ao sinal da cruz, um signo muito forte para os católicos que afugenta os seres diabólicos, representando sofrimento de cristo na cruz, marcam as sepulturas cristãs e o lugar onde alguém faleceu de morte violenta, assassinato ou acidente (CASCUDO.1984:264).

A vela está em todos os enterros católicos, tendo uma valorosa importância, pois é rara a cerimônia que não tenha uma vela acesa, estando presente na morte, estará junto do morto em casa, na igreja, acesa durante a cerimônia de encomendação e no dia dos mortos, momento em que é comum acederem velas para as almas. A vela tem toda uma representação da luz que guiará o fiel até o bom lugar. Para José de Souza Martins ela é “a luz, que é dos vivos e da vida, é a doação dos vivos aos mortos, é o meio que os vivos utilizam para controlar e orientar a alma, para conduzi-la do lugar dos vivos ao lugar dos mortos” (MARTINS.1983:264).

A tradição de tocar o sino para comunicar a morte de alguém é recorrente nas tradições religiosas católicas. No bairro estudado ela serve para avisar que alguém morreu, que o corpo do morto está entrando ou saindo da igreja e para comunicar a missa ou oração.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

No caso da missa ou oração a batida é diferente, é um toque festivo e contínuo, blem blem blem, blem blem blem. Esta diferenciação do toque entre adultos e crianças, que citei anteriormente, é próprio deste lugar mas já existiu em outros lugares e foi desaparecendo a partir da década de 1950¹⁶. Autores que estudaram a morte, como Oracy Nogueira, chamam de ‘choro do sino’, e entendem que busca a comunicação da morte.

As demais práticas são optativas, ou seja, podem ser feitas ou não de modo que não alteram a eficácia do rito. Assim o uso das bandeiras quando o morto é membro das congregações católicas, a presença de familiares ou amigos a falar palavras sobre o morto, a presença de padre. Geralmente quando o morto é participante ativo da vida religiosa e da comunidade ele recebe um ritual mais detalhado, com mais orações e rezas, com o uso dos símbolos das Congregações Mariana e Apostolado da Oração, com discursos mais calorosos, com mais emoção.

Pertencer a uma religião distingue a forma de conduzir os rituais fúnebres, porque não há morte em São Tomaz que não seja submetida a um rito de uma ou de outra religião. Não há casos de pessoas que morreram e foram enterradas no cemitério, sem passar antes por um momento de culto religioso. A discrepância poderá existir na maior ou menor pompa ritual, mas sempre haverá um momento religioso e o primeiro enterro, é um desses exemplos, pois Adônis não morava no bairro há 10 anos, mas veio enterra-se no lugar e receber a encomendação na igreja, mesmo com a proximidade da noite e com chuva (a chegada do corpo atrasou), a encomendação foi procedida detalhadamente.

No caso dos católicos sempre são cumpridas etapas anteriormente citada, e no caso dos crentes, há a opção em velar em casa ou na própria igreja, mas igualmente o morto passará por uma cerimônia religiosa antes do enterro, por isso que defendo de que não há morte laica em São Tomaz sempre estando inseridas numa destas duas religiões.

Podemos perceber que a igreja está sempre incluída como um espaço por onde o morto deverá passar para receber as orações, seja de que religião for, embora a sacralidade do rito não se dê apenas na igreja. Talvez a justificativa para esta morte religiosa, esteja no

¹⁶ - Os sinos foram ao longo da história usados com o fim de convocar para atos religiosos, chamavam os fiéis para as orações para os sofredores, moribundos e para a morte. Acompanhavam a existência inteira do homem, casamento, batizado, agonia, extrema-unção, parto difícil e finados. Em muitas religiões os sinos e outros instrumentos sonoros, buscam afastar os maus espíritos semeadores de doenças, adversidades e morte. Os dos campanários, chorando os mortos, arredavam do caminho celestial os espíritos malévolos, que dificultam a derradeira jornada (CASCUDO. 1984:714-718)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

fato de que em São Tomaz como em outras tantas sociedades rurais a religião é o viés que guia a vida em sociedade, de modo que religião e morte estão coladas, não havendo espaço para um rito mortuário que não seja religioso, aquilo que Peter Berger (2009) define como a religião sendo encompassadora da vida social.

Considerações Finais:

As possíveis conclusões que obtive, encontram-se no corpo do texto, e não creio ser necessário repeti-las para não cansar o leitor.

Ficariam muitas questões que gostaria de ter aprofundado, mas o limite deste trabalho não permitiu, e permanecerão neste passo apenas indicadas. Pude identificar diferentes papéis de gênero, (...) no sentido que se usa no teatro, ou seja uma representação de um personagem”, tudo aquilo que é associado ao sexo biológico em determinada cultura. (GROSSI, 1998) dentro dos rituais, de sorte que algumas práticas são exclusivamente realizadas por mulheres e outras por homens. Outra questão a ser pensada é a figura do coveiro como poluído pela atividade laborativa, que são recorrentes na literatura antropológica e em estudos pontuais como a dissertação de Mestrado “O presente de Prometeu” onde os enlutados adquiriam uma poluição é temporária, pois podem voltar ao estado de pureza anterior, e os coveiros não. (SILVA.2008). Em São Tomaz essa profissão não é vista como impura ou contaminada, alias não é nem vista, pois ao perguntar se havia coveiro na comunidade as respostas foram unânimes no sentido de que não havia, e identificam o coveiro como “santeiro”, um dentre muitos de seus papéis. Isso pode ter acontecido pelo fato do coveiro se encompassar do sagrado e sua atividade ser cercada de sacralidade, mas pode ser ao contrário, onde justamente por ter um *status* negativo ou um estigma que as pessoas busquem outra atividade com identidade positiva para designá-lo. Assim mais do que conclusões ‘Os mortos de São Tomaz’ lançou muitas outras possibilidades de outros estudos e indicou a necessidade de aprofundamento de alguns temas.

Referencias Bibliográficas:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

- BERGER, Peter L. O Dossel Sagrado – Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo, Editora Paulus, 2009.
- CANDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulistano e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo, Livraria Das Cidades, 1971.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Volume II, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1984.
- DAMATTA, Roberto. A Casa e a Rua. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987.
- _____. “Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a Distinção entre indivíduo e Pessoa no Brasil”, in Carnavais, Malandros e Heróis. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.
- _____. “O ofício do Etnólogo, ou como ter ‘Anthropological Blues’”, in NUNES, Edson de Oliveira (Org). A aventura Sociológica. Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978.
- GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade, in Antropologia em Primeira Mão, nº 24, Florianópolis, 1998, p. 1-15.
- MARTINS, José de Souza (Org). A morte e os mortos na sociedade Brasileira. São Paulo, Editora Hucitec, 1983.
- _____. “A morte e o morto: tempo e espaço nos ritos fúnebres da roça” in MARTINS, José de Souza (Org) A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira, São Paulo, Editora Hucitec, 1983.
- NOGUEIRA, Oracy – “Morte e Faixa Etária – Os Anjinhos” in MARTINS, José de Souza (Org) A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira, São Paulo, Editora Hucitec, 1983.
- RODRIGUES, José Carlos. Tabu da Morte. Rio de Janeiro, Editora Achiamé, 1983.
- SEGALEN, Martine. Ritos e Rituais Contemporâneos. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.
- SILVA, Érica Quinaglia da. - O presente de Prometeu – Contribuição a uma antropologia da morte (e da vida) – Dissertação de Mestrado apresentado no Programa de Pós Graduação em Antropologia Sócia da Universidade Federal de Santa Catarina. Ano de obtenção 2008.
- TURNER, Victor W. O Processo Ritual. Estrutura e anti-estrutura. Petrópolis, Editora Vozes, 1974.
- VAN GENNEP, Arnold. Os Ritos de Passagem. Petrópolis, Editora Vozes. 1978.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina